

C. S. DE ABELAR BROTERO



ALVORES MATINAES

POESIAS

PRECEDIDAS DE UMA CARTA

DO

Dr. Affonso Celso Junior

RIO DE JANEIRO

IMPRESA NACIONAL

1887

O. R.
869.1
B874a

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL	
BIE 104	
NUMERO	DATA
408	16-7-52

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGOCIOS INTERIORES	
IMPRENSA NACIONAL	
BIBLIOTECA	
NUMERO	DATA
381	20-10-45

381 - 20/10/45

Meu Amigo

A ideia mais original do seo livro de versos é, sem duvida, esta — de o apresentar ao mundo litterario acompanhado de uma introdução minha.

Só a muita amisade com que me distingue, apreciada á luz da sua imaginação de poeta, poderia presumir n'esse facto uma recômmendação.

Como se engana!

Dará margem talvez á critica gathofeira do dia o investigar a idoneidade do mentor que a sua referida amisade elegeu.

Ille ego qui quondam... fôra-me licito responder desentranhando do merecido olvido a reminiscencia de umas cousas rimadas, assignadas com o meo nome, que essa critica, em tempo, houve por bem animar e applaudir.

Mas, si de taes cousas nem eu mesmo gosto de me lembrar, quanto mais ella?..

Eis-me, em todo caso, a seo lado, meo amigo, no momento melindroso em que os primogenitos do seo estro efoitam-se á publicidade.

Não podia recusar tão pequeno serviço a quem tem o direito de os exigir de mim do mais alto preço.

A minha presença importa simplesmente um tributo de acatamento á sua intelligencia e aos seus bellos predicados moraes.

Que dizer dos seus versos?

Estimo-os e aprecio-os porque lobrigo por entre elles o alvejar da sua alma bem formada.

Dizem consistir na sinceridade o elemento primordial da arte contemporanea.

Si assim é, ha nas suas estrophes o cunho da superioridade artistica, pois irromperam espontaneas e ingenuas do coração, fructos, eu sei, de muito sacrificio tenaz de quem jamais conheceu outro Mecenas sinão o proprio esforço, podendo adoptar a modesta, e, a um tempo, altiva divisa: — ipsius atavus.

Oxalá vestal se lhe conserve o amor á poesia!

Crer nas musas, disse, creio, Machado de Assis, é ainda uma das melhores cousas da vida. E é. Olhe: no instante em que isto escrevo tenho a mesa atopetada de relatorios, annaes parlamentares, propostas do governo, projectos e mil outros solemnes e volumosos documentos que me cumpre examinar a fim de, correspondendo á lemeraria confiança depositada em minha boa-vontade por uma ultragenerosa porção de nossa provincia, buscar meios de salvar a Patria do famigerado abysmo que a está tragando endemicamente.

Pois, palavra de honra, meo amigo! O pequeno canto occupado pelas provas do seu volume affigura-se-me desprender, mimoso oasis, um doce ôlor que se me alastra pela alma afóra e eu sinto inveja, positivamente inveja, das commoções que ali palpitam, das miragens fluctuantes em cada pagina, das esperanças que, como neopópiros doirados, enxameiam á roda de cada verso!

Bem dita inveja! Assim possa acultar todos os dias!
Seja feliz nas letras e em tudo, como o merece.

Quem planta uma arvore, não passa pela vida inutilmente, diz um proverbio oriental.

Justificada está a publicação do seu volume, — Alvores Matinaes, que tudo faz crêr breve se transformarão em dia esplendido,— desde que fez desabrochar no seu espirito e no de seus amigos a flôr singela e preciosa, hoje tão rara, de uma illusão!...

Rio de Janeiro, 1 de Agosto de 1887.

Affonso Celso Junior.

La poésie est une des expressions
nécessaires de la pensée humaine.

L. VEULLOT.

DEDICATORIA

AO EXM. SR. DR. AFFONSO CELSO JUNIOR

Nem topazios, rubins e nem brilhantes
No livro encontrareis que vos off'reço;
São singelos e tristes meus descantes,
Como rosas de panno ou flor de gesso.

Si aljofres descobirdes lucinantes
Que mereçam de vós algum apreço,
— Lagrimas são de fogo-chammejantes —
As dores lêde nellas, que padeço.

Faltos de luz assim estes Alvores,
 Como os dos dias frios, hibernosos,
 Envoltoos vão em brumas e vapores.

Mas correrão o mundo venturosos,
 Si de vossa bondade os esplendores
 Os vestirem de raios luminosos.

HONTEM E HOJE

AO DR. VIVIANO CALDAS FILHO

No puedo desecharte del
 pensamiento.

TRUERA.

Eu não sonhei doiradas fantasias
 Das que do mundo a gente põe distante;
 Não amou-me ninguém, não fui amante;
 Que ninguém inspirou-me sympathias.

Fui bem feliz então! Em meu semblante
 Brilhava a luz de doces alegrias,
 E não a pallidez das agonias
 Que devoram a vida num instante.

Mas vós, senhora, em meu isolamento
 Me tentastes, e em rica taça d'oiro
 Me fizestes beber o meu tormento!...

E desde ahi vosso cabello loiro
 Me não foge da ideia um só momento;
 — Eu sou o avaro, e vós — o meu thesoiro.

DUAS PRIMAS

AO DR. ELOY REIS

Elles prêtent leur forme à toutes mes pensées.

L'une était rose et blanche,
 L'autre semblait ouïr de celestes accords.

V. HUGO.

Ali assim juntinhas, entre beijos,
 Como duas estrellas matutinas,
 A segredar em doces cavatinas
 Seus amores talvez e os seus desejos,

— Despedem seus olhares mil lampejos,
 Mais vivos que os das pedras brilhantinas,
 Que enfeitam suas mãos tão pequeninas,
 Como as pequenas petalas dos beijos.

São cherubins de amor e de candura ;
 São duas illusões divinizadas,
 Primas no sangue, irmãs na formosura.

Por mim, só para vel-as abraçadas,
 Gozo me fôra a mais cruel tortura ;
 Como tortura o vel-as separadas.

SAUDADES

« Après les sourires attendez les pleurs. »

Estas dores que o peito me trespassam
 Com lamina mortal,
 Não, não são dores de quem vive ausente
 De seu torrão natal.

Nem são lembranças da querida infancia,
 — Quadra feliz d'amor !
 Nem do assassino que á justiça escapa
 Remorso vingador !

Pois o que são? — Recordações de um anjo
 Que mui feliz amei...
 — Saudades desses tempos de ventura
 Que ao lado seu passei.

Mas qual o bem, oh! Deus, que neste mundo
 Podemos desfructar,
 Sem temer que da sorte a mão não venha,
 Cruel, nol-o roubar?!

Abrindo as azas d'oiro, esse anjo ingrato
 Nos ares adejou;
 E sem um triste adeus sequer dizer-me
 De mim se separou.

Eu o segui c'os olhos té sumir-se
 Na vasta immensidão...
 — Vai-te, cruel! então lhe disse, vai-te,
 Que eu fico na soidão!

Mas... não foi anjo, foi mulher malvada
 Que veio m'embair,
 A serpe sob os ramos se disfarça
 P'ra o lavrador ferir.

Mas que digo? A razão perdi, quem sabe,
 Co'o meu feliz viver?
 Oh! não, mulher querida, não me escutes
 No meu cruel soffrer!

Foi delirio... pensei, pensei num outro
 Que o teu amor não é...
 N'outro que me enlevou qual sonho leve
 Com enganosa fé!

Mas si soffro tambem não é por elle,
 — Taça em que fel bebi;
 Os farpões que o imo peito me retalham,
 — São saudades de ti!

QUE NOITE!

No puede encontrar-se noche
mas linda.

F. CABALLERO.

Bonita aquella noite de Janeiro!
O sol sumido havia no occidente,
Como um globo de fogo e no oriente
Rompera a lua o seu clarão primeiro.

Vastos lenções de prata pelo outeiro
Se estendiam. Acima reluzente
O céu estava e a murmura corrente
De chrystaes semelhava um bello esteiro.

Mostrava ares de noiva a natureza,
Que toda se vestia de primores,
De galas mil, de encantos e riqueza.

Dos astros n'amplidão vagos rumores
Se ouviam e da brisa, que a deveza
Transpunha, tinha o sopro mil odores.

QUEM RESISTE ?

Et toi que viens-tu faire en ces mornes ténèbres,
Image encor chérie et qu'en vain je veux fuir ?

V. DE LAPRADE.

Não me incomodes, deixa-me tranquillo
Na minha solidão ! O isolamento
Em que me vês é o mais seguro asylo
P'ra quem traz n'alma tanto soffrimento !

Não me faças quebrar meu juramento,
E sé menos cruel ! O codicillo
De nosso amor — um quasi testamento —
Assim t'o ordena, oh anjo de Murillo !

Mas tira os olhos teus, não posso vel-os !
 Miuha desgraça é nelles, nelles leio
 Um mal cruel, um mal que não tem cura !...

Não, não me mostres mais esses cabellos !
 Por piedade cobre-me esse seio !
 Mas quem resiste, oh ! Deus, tal formosura ?!

O CHRISTÃO

Notre âme a son devoir ; notre âme a sa lumière
 Qui la dirige en ses efforts.
 Poussière, tu dexas retourner en poussière.
 Cette sentence est pour le corps.
 LONGFELLOW (*Trad. de Marmier*).

Eu não me impressiono com a morte,
 Na morte, bem o sei, começa a vida,
 Não como esta, traidora e fementida,
 Que o sofrimento tem por seu consorte.

E penso que si fôr a minha sorte
 Morrer em breve, não direi sentida
 Queixa, nem mesmo voz de dor ungida :
 — A pedra do sepulchro é nosso norte.

Mas quando o campanario pezaroso,
A' tarde, entôa os dobres de finados,
Diante de Deus me prosto temeroso !

Meus sentidos confundem-se turbados ;
Chama-me a consciencia — criminoso,
E um por um me aponta meus peccados !

VENUS MENINA

Eu não a conhecia ou pelo menos
Não tinha uma lembrança definida ;
Pareceu-me, porém, que dentro n'alma
Alguem me perguntou com voz sumida :

— Pois não sabes quem é? Vê si recordas,
Repara bem, soletra-lhe o semblante,
Estuda-lhe a magia dos acenos,
E fta o teu no seu olhar brilhante.

— Nem o doce rumor da leve brisa
 Nos galhos da roseira ou da bonina ;
 Nem o som d'uma flauta, á noite ouvido,
 Póde a voz imitar dessa menina !

— Sim, já conheço : é minha Fornarina,
 Que vem alfim me ver, cruel ausencia !

— Não ! não é ella. — Amor então fallou-me —
 E' minha mãe nos trajos da innocencia.

AUSENTE

Mas agora que Marcia vive ausente,
 Que não me alenta esquivã
 Co'o brando mimo d'um de seus agrados,
 Que farei infelice
 Si tu, meiga Esperança, não me acodes ?

FILINTO ELYSIO.

Dous impossiveis ! Um — é fielmente
 A sua imagem copiar na têla;
 Uentro — escutal-a sem sentir por ella
 Um não sei que de vago e reverente !

— Anjo de amor, espirito innocente,
 Meiga ; na fôrma quem será mais bella ?
 A Laura ? Beatriz ? Não ! nem aquella
 Que a vibora apertou no seio ardente !

Hoje esse sonho de azas altaneiras,
 — Sonho feliz d'un cerebro divino —
 Pousa, quem sabe ? em plagas estrangeiras !

Mas praça a Deus que seja o mar ferino
 Propicio à volta e que tambem fagueiras
 Soprem-lhe sempre as brisas do destino.

TRANSIÇÃO

A EXMA. D. JOSEPHINA CALDAS

L'heure de l'amour est venue.

Num divan subtilmente ella adormece,
 Apoiada na espadua a negra trança;
 Nem uma nuvem só de desconfiança
 De seu semblante as cores amortece.

Mas eis que já se assusta, que estremece,
 E logo sobre o peito a mão descança !
 Quem sabe si deixou de ser criança ? !
 Si o sonho d'innocencia se esvaece ? !

Perpassa-lhe nos labios coloridos
Um desmaio fatal, que lhe abre os olhos
De apaixonado pranto humedecidos.

E' que o amor veiu os intimos refólhos
Do coração romper-lhe, e dos sentidos
O deserto povoar de mil antólhos!...

ENFERMA

A' EXMA. SRA. D. LEONOR NETTO

Como te aperta a angustia o fragil peito !
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,
Deus, que é bom, Deus, que é pae, Deus que é perfeito...

A. CELSO JUNIOR.

Tudo nella é amor ! Nem mesmo um só defeito
Nos traços do semblante ! E' sua alma vasada
Nos moldes de christã ; seu olhar como feito
Dos brilhos divinaes da candida alvorada !

Não a conheço, não ; mas quando torturada
Pela febre cruel em o assassino leito
Me diz alguém que a vê — minh'alma amargurada
Exclamações de dor arranca-me do peito !

Oh ! eu não posso ouvir narrar sem commoções
 O lento desbotar das primorosas côres
 Dessa rosa gentil de candidas feições !

Mas inda bem não fulge um raio de esperança ...
 Vêm logo o sepultar as pungitivas dores,
 Que o ser te vão roubando, oh ! divinal criança !

ISOLADO

A JORGE RODRIGUES

Meu Deus ! tudo perdi ! a negra morte
 O doce amor de esposa me roubou...
 Que transe tão cruel !... que dura sorte
 P'ra quem na terra só... tão só... ficou !

P. CALDAS.

Anjo de amor, no despontar da aurora
 Dessa quadra feliz,
 Tão cheia d'illusões — a mocidade —
 Afaguei muita crença, mas a sorte
 Logo depois, cruel, acabrunhou-me,
 Não sei que mal lhe fiz !

As lindas côres, meigas, purpurinas,
 Com que meu coração
 Esperançoso, qual divino artista,
 Os horisontes d'alma me adornava,
 Transformaram-se em tintas negras, feias,
 — Tintas de maldição!

Tudo perdi então, descri de tudo,
 Té do amor de meus paes,
 — O balsamo celeste da existencia,
 O lenitivo sancto, incomparavel
 Das grandes chagas, fundas, de minl'alma,
 Que tem dores mortaes!

Bem depressa desceu lá no occidente
 O cryseu deste amor,
 Que se erguera risonho e fulguroso!
 E com elle o planeta da esperanza
 Que só me fez sentir mais cruciantes
 O desespero e a dor!

Oh! si eu soubesse que tão negros fados
 Teria o meu viver,
 Ninguém no meu semblante outro sorriso
 Veria abrir-se que não frio e triste,
 Como o sorriso pallido da morte...
 — Eu soubera morrer!

Esforço sobre esforço o meu espirito
 Envida p'ra fugir...
 Como a indomita fera do deserto,
 Quando da jaula n'um olhar de raiva,
 Mede o espaço mesquinho em que a puzeram
 E dispara a rugir.

Mas tu, mulher, esposa idolatrada,
 Tu me podes salvar!
 Deixa o sepulchro, toma as vestes brancas,
 As vestes do noivado e vem ligeira
 Povoar a soidão de minha vida,
 Que eu te quero fallar!

Vem, vem ao menos uma vez ! Ditoso
Julgar me poderei,
Vendo-te, ouvindo-te e podendo louco
Abraçar-te, oscular-te e minhas penas
Contar-te todas, todas, uma a uma,
Depois que só fiquei !...

O silencio, entretanto, atroz silencio,
Só vem me responder !
Nem o consolo de uma voz amiga
Consegue a minha supplica pungente !
Pois bem ! vem tu, oh ! morte, vem depressa...
— Eu saberei morrer !

DESGOSTO

Ma vie est triste et sombre.

LONGFELLOW.

Sinto que morro e na estação querida...
Mas não, não tenho pena !
Melhor é não viver do que oprimida
Por negras dores carregar a vida,
Esta vida tão cara e tão pequena !



DE CASA AO CEMITERIO

Je veille, et nuit et jour mon front rêve enflammé,
 Ma joue en pleurs ruisselle
 Depuis qu'Albaydé dans la tombe a fermé
 Ses beaux yeux de gazelle.

V. Hugo.

O philosopho vive meditando
 Em cousas que consomem-lhe a existencia ;
 Emtanto, mais que o estudo a experiencia
 Lhe vae alguns problemas ensinando.

E assim andamos todos soletrando
 Desde os dias felizes da innocencia ;
 Mas no fim nem luz vaga de sciencia...
 E o mysterio final... nos arrostando !

Mas que importa? si sei que não morreste!
 Si vejo, no vigor da formosura,
 Dormitares na rede que teceste!

Que importa? eu sonho em ti minha ventura!
 Mas ah! é certo... é certo... tu morreste!
 Lethal desillusão — a sepultura!

DA JANELLA

..., todo se anima,
 todo se alegra,
 todo florece, todo
 feliz se muestra,
 Y al mismo tiempo
 Yo... de melancolia
 me estoy muriendo.

TRUËBA.

Era cedo. Na abobada azulina
 O sol subia puro e radioso;
 Vagava brando zephiro odoroso
 Pelo jardim virente da campina.

Perto — uma fonte d'agua crystallina
 Que formava um regato murmuroso;
 Longe — as notas desse hymno festivo
 Que o bando alado, despertando, afina.

Tudo saudava ao Deus omnipotente,
Que deu tanto primor ao colibri
E á furia leis impoz do mar ingente.

Mas foi então, senhora, que senti
A dor que me opprimia e tristemente
A janella fechei de que vos vi!

VER SEM VER

Je n'ai rien vu de plus céleste.

CHATEAUBRIAND. (*Atala.*)

Encontrei-a no banho. O linho fino
Da toalha mimosa, que escondia
Os mimos de seu corpo, parecia
Da luz tecido do astro nocturnino.

Vi-lhe nessa hora o collo alabastrino
E bello, que perfumes rescendia ;
A espadua sob a trança que luzia
Dispersa, e nú na relva o pé divino.

Eram, porém, meus olhos innocentes :
 Não mais podiam ver no corpo seu
 Do que vê n'uma flor a borboleta.

Fossem elles ao menos refulgentes
 E sabidos como hoje, que Romeu
 De mim fariam ; della, Julieta.

VIAJANDO

Nunca minh'alma teve dor tamanha,
 Nunca a morte lhe deu maior combate
 Que nesta ausencia dolorosa e estranha !

B. DE OLIVEIRA.

Sombra buscar, ao sol dourado e quente,
 Sob as arvores negras da floresta ;
 E ahi com seu amor dormir a sêsta
 Sobre a relva mimosa e verdecente ;

Ou de Phebe á luz branda, alvinitente,
 Um beijo dar, como o de pae, na testa
 Da noiva, ao regressar de alguma festa
 Na cidade, a que foi-se juntamente ;

Ou distinguir ao longe o vulto sancto
 D'aquella que nos sonhos lhe sorri,
 — Deusa de amor, de luz, de doce encanto;

— Eis o que pôde a um coração, Mimi,
 Alegrear, como o meu, que soffre tanto,
 Ausente do seu lar, longe de ti!

NO MAR

Toutes les cavernes de l'onde
 S'ouvraient jusqu'au fond des mers.

V. Hugo.

« Espérons en Dieu. »

— Mulher, escuta... O vento sopra forte,
 O mar é bravo e a morte
 Não tarda a nos colher--
 Mas si é certo existir uma outra vida,
 Qu'inda não foi por homem definida,
 Não importa morrer!

— Ouves?... A marinhagem desespera...

E grita e vocifera

O infeliz capitão!

Não importa! Elevemos nossos votos

A Deus, ofereçamos-lhes devotos

Nossa ultima oração!

— Escaleres ao mar! Somos perdidos —

Gritaram confundidos

Os marujos. E após

Instantes curtos, fundo o mar se abria:

E o vapor afundava, se perdia,

Se perdia veloz!

.....

—

GRATIDÃO

Abrindo sobre mim as negras azas,
 Como abre sobre a presa no deserto
 Feroz abutre, a Dôr eu vi de perto,
 Que o pobre berço meu coalhou de brazas!

Longe levou-me das paternas casas,
 Menino ainda, o meu destino incerto!
 Sempre soffrendo e de grillhões coberto
 Jamais pude explicar do esp'rito as azas!

E foste tu, donzella, que a saída
 Dessa prisão me abriste em que prostrado
 Jazia, como a folha desprendida,

A' força, verde ainda, pelo irado
 Vento! Ao teu, pois, desejo, bem querida,
 Meu destino p'ra sempre ter ligado.

ACEITO!

Propunha-lhe fugir. Em mim de Páris
 Se agitava a paixão arrebatada ;
 E nella — uma outra Helena apaixonada —
 Por fugir não poder, — crueis pezares !

Vivos jactos de luz dos seus olhares
 Partiam, como a luz da madrugada ;
 Sua voz, como a voz da passarada,
 Desfolhava harmonias pelos ares.

— Foi por ti que do amor a flor divina,
Lhe disse então, no vacuo do meu peito
Mimosa desbrochou e purpurina !

E della aos pés em lagrimas desfeito
Meu coração depuz. Mas á surdina,
Dos labios seus, feliz, lhe ouvi — aceito...!

PERIGO

Já não vale negar: Quero-te, sim, formosa ;
Quero-te, meu amor, quero-te doidamente ;
Como cousa fatal, porém deliciosa .

V. MAGALHÃES.

Para beber-se um osculo em seus labios

Só com labios de flor :

Os seus osculos deixam uns resabios

Que o peito enchem de amor ;

— De amor que punge e doe, que fere fundo

E rasga qual punhal o coração ;

Que não respeita nunca as leis do mundo
 E submete a razão.
 Não deve ser amor assim profundo,
 E feroz e cruel o fito do homem ;
 Devem-se outros buscar que não consomem
 A vida e n'um momento

Desertam ou se apagam como a luz
 Com o mais brando vento.
 Emtanto, unir quizerá, oh ! Deus, meus labios
 A seus labios de flor ;
 Bejal-a e de seus beijos nos resabios
 Embriagar-me de amor !

QUERO-TE ALEGRE

.... As queixas cessem, cessem medos
 Em gosto se convertam as tristezas.

D. BERNARDES.

Não posso um rosto, como o teu, moreno
 Ver triste, não ! Eu quero que te habite
 Um prazer n'alma, e que de gozo pleno
 O coração no seio te palpite.

Quero que teu olhar assim sereno,
 Como quando se brinca, em mim se fite !
 Quero ver-te risonha, como vi-te,
 Quando infante, correr no prado ameno.

Esquece do passado as negras dores,
Do passado de amor que te amargura
E da frente te rouba as meigas cores !

Embebe de teu rosto a formosura
Nas luzes do prazer ; imita as flores
No seu doce sorrir, oh ! creatura !

TEU SORRISO

... Abre-se o teu sorriso,
Que é um sol sob outro sol: que é finalmente
— *Um paradiso in mezzo al paradiso.*

H. DE MAGALHÃES.

Esse sorriso que em teus labios nasce,
Rompendo uma alvorada esperançosa,
E' como o sorrir limpido da rosa
Que ao luar porventura desbrochasse.

Mas si a ninguem teu coração amasse,
Seria então como o da flor mimosa
Que sae da mão de artista caprichosa
Co'as folhas tintas d'uma cõr fallace.

Nem seria sorriso nesse caso,
 Mas contracção ironica de labios
 De ouro fundidos e da luz do occaso.

Fulge, porém, sob elle um sentimento,
 Que bem não podem definir os sabios,
 E que me traz captivo o pensamento !...

DO LEITO

Não mais visitã a ingrata o seu doente !
 Já o esqueceu talvez !... Outros amores
 De certo a prendem... São assim as flores,
 Nossas agora e de outros de repente !

Tres dias ha que seu olhar luzente
 Me não anima, nem as minhas dores
 Minóra, nem dissipa meus temores
 A sua voz de deusa — omnipotente !

Mas, Deus, o que será, será demencia?...
 Batem... farfalham sedas... alguém fala...
 E parece-me ouvir o seu pisado!...

Não! Só aquella rosa d'innocencia
 O doce olor, que me inebria,— exhala,
 — Olor jamais por homem respirado!

ALLIVIO

El ser moral del hombre tiene una aptitude
 inmensa para el sufrimiento.

F. CABALLERO

Graças a vós, meu Deus, agora vejo
 Minh'alma livre de crueis torturas!
 Quanto soffrem scismando as creaturas!
 Como é triste o nocturno rumorejo!

Da morte muita vez o frio beijo,
 Que agora dores traz, ora — venturas,
 Pareceu terminar as desventuras
 Que trouxe-me d'amor um só desejo!

E não morri! Ainda esta noite, enquanto
 Sonhava alguém talvez com seus amores,
 O meu corria amargurado pranto!

Mas surge a auróra: é dia. De mil cores
 Se veste o prado; e de minh'alma um canto.
 Ao céo se eleva, um canto de louvores!

ANTITHESIS

Alegre, não és anjo! mas teus olhos
 Têm raios que me ferem dentro n'alma
 E me animam a viver!

Os meus sonhos se orvalham de ventura;
 Alimento illusões; ideiosos;
 Ha em mim um novo ser!

Triste não és mulher! e o teu silencio
Me acende mil desejos: quero ouvir-te,
Conhecer o teu pensar!

As lagrimas me descem fio a fio
Na face descorada e vão humildes
Meu segredo te contar!

.....
Dize-me agora que altivez é essa,
Oh! sonhadora virgem? Póde um beijo
Offender o teu pudor?

Mil beijos dão as brisas matutinas
Na flor que do botão desbrocha pura,
Sem roubar-lhe a bella côr!

A ROÇA

Bate a vida melhor dentro do peito
Do campo na tristeza.

A. DE AZEVEDO.

Brincam as brisas nos vergeis floridos,
Nas tranças negras da donzella amada ;
Ouve-se além na choça uma toada
De mãe que canta aos filhos seus, queridos.

Muge o touro, e as ovelhas seus balidos
Entoam pela aberta, larga estrada ;
E d'entre o bosque a rôla apaixonada
Sôlta arrulhos de amor, estremecidos.

Vem da serra um arroio chrystallino,
 Onde as vezes do estio ao sol ardente
 Vae alegre brincar gentil menino.

A roça é isto, Amelia. Docemente
 Ali se passa a vida ; assim opino
 Por lá viver contigo eternamente.

PARABENS

A LUIZ DE ANDRADE MACHADO

Já sei que recebeste uma cartinha,
 Que veio endereçada por um lyrio
 A ti, que as almas enches de delirio,
 Rosa gentil, sympathica visinha.

Sei que foi portadora uma andorinha ;
 Que feste-a amedrontada á luz de Syrio,
 — Astro fulgente, nenuphar do empyreo,
 Que leu contigo o amor que nella vinha.

Não a tomes, porém, p'ra teu brinquedo,
Tua mãe pôde súbito colhel-a
E será descoberto o teu segredo.

Que a rasgues te aconselho, si não tens
A firmada intenção de responder-a;
Emtanto dou-te já meus parabens.

APAIXONADO

Dans un instant le regard d'une
femme avait changé mes goûts, mes
résolutions, mes pensées.

CHATEAUBRIAND.

A noite, ha muito, repellida, havia
Com suas leis cruéis e o seu imperio
Nas regiões fugido do hemispherio,
Donde viera alegre o claro dia.

Assim tambem a tetrica apathia
Do coração, não sei por que mysterio,
Me fugira: e um amor immenso e serio
Logo minh'alma encheu d'idolatria.

Nem aquella que em lagrimas se banha
 Prostrada humilde e bella aos pés de Christo,
 Teria tal milagre effectuado.

E foi longe dos meus, em terra estranha,
 Por um rosto que nunca tinha visto
 Que assim senti-me, assim tão demudado!...

QUADRAS ANTIGAS

A EDUARDO BARRETO

Fulgente lua, si fitar-te a virgem
 Que eu adoro e por quem meu peito geme,
 Manda-lhe um raio que ao beijar-lhe a fronte
 De amor lhe falle, d'um amor estreme.

Outro depois que lhe entre dentro n'alma
 E lhe abra o coração como um sacrario
 De affectos puros; e mais outro ainda
 Que lhe entorne no seio o tremor vario

De votos castos, d'intimos desejos,
Ou então d'illusões mysteriosas...
E finalmente um outro que lhe roube
Tres fios dessas tranças setinosas.

SEM TITULO

A' MENINA ESTHER

Do dia inda não viste, à luz primeira,
Rufando as azas meigo passarinho,
Empoleirado, a olhar-te, na roseira
Onde feriste ha dias o dedinho ?

Inda o não viste ? Pois do mau espinho
Que mal te fez, como ave aventureira,
Anda a procura sem lembrar-lhe o ninho,
Onde deixou sósinha a companheira.

E não sabes porque ? Porque enamóras
Tudo o que sente, até as pobres aves
Com teus olhos de fulgidas auroras ;

E porque tens na voz accordes graves,
Que do empyreo recordam, quando choras
Ou te queixas, as musicas suaves.

UM COMO MUITOS

Je n'en suis pas surpris,
mon Dieu !

ROJAS.

Do rico á porta um velho a mão estende:

—« Esmola pelo amor de Deus, senhores, »

Soluça exausto, e gelidos suores

Da fronte lhe gottejam, que lhe pende.

—« Ninguém me ouviu, oh ! céos ! » e se suspende
A custo á campainha, com mil dores.

—« Que queres, homem ? vae os teus clamores
Além dizer ; aqui, ninguem te entende. »

—« Por piedade, senhor, de vossa meza
Dae-me os restos ; matae-me a negra fome,
Que augmentará o céo vossa riqueza ! »

—« Antes augmente a que o teu ser consóme,
Si esse poder tem elle,— vil pobreza.

— Quem não trabalha, estúpido, não come. »

UMA RESPOSTA

A SYMPHRONIO REIS

— Porque com meigos olhos te acompanho,
Desdenhosa perguntas a morder
No lenço. Escuta, pois, — ou sou poeta
Posso a verdade em verso aqui dizer:

— Não é porque te adore ou nos altares
Do amor te veja em claros turbilhões
Envolta de cheiroso incenso estranho,
Que as almas prende e move os corações ;

Nem é porque deseje, visionario !
 Teus encantos divinos possuir ;
 Podem outros sonhar essas venturas !...
 — Eu, só estudo o Beilo em teu sorrir.

EM SONHO

C'était pendant l'horreur
 d'une profonde nuit. !

RACINE.

Dormindo vi ao pé do leito a morte
 Meu corpo disputando ao deus da vida ;
 Pesava sobre mim seu braço forte
 Qual muralha de anathema fundida.

Minh'alma de mil dores opprimida
 Imprecações lançava contra a sorte ;
 Mas si já ia ao corpo mais unida,
 Redobrava de esforço a negra morte.

A luta era tyrannica, era horrivel :
 Havia gritos, confusão de vozes,
 Uma harmonia toda indefinivel !

Mas eis que as scenas mudam-se velozes
 E tu sorrindo — apparição incrivel !
 Vens salvar-me de penas tão atrozes !

UMA LAGRIMA!

Pesada escura sombra
 O coração me cobre...

GARÇÃO.

— Não sei que sinto, mas talvez em breve
 Se me annuncie o rigoroso inverno
 Da existencia, si não soprar galerno
 Vento que minhas maguas todas leve !

Ninguem na dor, ninguem, sua alma ceve,
 Si não quizer viver vida d'inferno !
 Pois eu morro, occultando o fogo interno
 Com um semblante frio como neve !

Soffri muito... e calado! Uma só queixa
 Me não sahiu do peito! Assim, feliz
 Ao mundo, parecia a minha sorte!

Loucos que m'invejavam!... Porém deixa
 Que eu agora lhes conte como fiz
 P'ra uma lagrima ter n'hora da morte!

PHASE NOVA

Si tu crees que en el mundo entero hay un
 Hombre mas feliz que yo, te engñas.

F. CABALLERO.

Porque me tens amor, nova amizade
 Me prende à vida que em tão pouco apreço
 Tinha. Sou outro e meu passado esqueço,
 Como sonho ou visão de enfermidade.

Santo prazer o coração me invade,
 Como do sol a luz ao seio espesso
 De floresta sombria, e reconheço
 Que só de ti me vem a f'licidade.

Es o grande ideal que em sonho afago,
 Mais bello que o planeta que se mira,
 A' noite, n'agua limpida do lago.

E si hoje o mundo extatico me admira,
 E sou poeta, o devo ao teu afago
 Que para mim do céo o odor respira.

QUADRO

Dieu ! quel charme divin brille dans sa figure !
 Jamais objet si beau n'embellit la nature.

J. DELILLE.

Tu és travessa e inquieta
 Tens alma de beija-flor ;
 Sonho ardente de poeta,
 Bafejou-te o deus do amor.

Como a flor que as vezes cresce
 Entre sombras — a fulgir —,
 Em teus olhos alvorece
 Eterno, doce sorrir.

Os teus labios perfumosos,
 Como as flores do jasmim,
 São feitos de tons mimosos
 E rubros como o carmim.

Entre os ninhos na floresta
 O teu berço se embalou,
 E o rei dos bosques attesta
 Que Venus te amamentou.

Fallam-te as aves e a aragem
 O nome dá-te de irmã ;
 Es, portanto, uma selvagem,
 Talvez a filha de Pan.

O OCCASO AO NASCENTE

A J. S. DE MIRANDA JORDÃO

Eu — velho já, sem crenças, alquebrado,
 Vendo abrir-se a meus pés a sepultura ;
 E tu — sonhando sonhos de ventura
 No seio d'um esposo idolatrado !

Eu — de pezar cruel acabrunhado,
 Libando o negro calix da amargura ;
 E tu — cheia de vida e formosura,
 Gosando o brando mimo de um agrado !...

Gosto, porém, de ver-te nessa idade,
Com a fronte doirada de esperança,
Os prazeres fruir com anciedade !

Vive, canta, sorri, gentil criança,
Que si te acena agora a f'licidade,
Eu della perco mais uma lembrança !...

PORQUE NÃO CREIO

Les passions ont cela de cruel
que, pour une satisfaction de
quelques instants, elles empoi-
sonnent le cours entier de la vie.

(****)

As vezes quando à noite o mocho pia
Nos muros dessa casa destruida,
Que respirava outr'ora tanta vida,
Tantos hymnos de amor e de alegria ;

Ou quando a alma se perde foragida
No mysterio que fecha a campa fria ;
E a brisa um psalmo triste preludia
Nas folhas da giesta resequida ;

Si acaso as cinzas negras do passado
Revolvo ou no cruel destino scismo,
Que roubou-me o ideal idolatrado ;

Diante de mim se abre um feio abysmo :
Da razão me conheço abandonado,
E nas trevas me perco do atheismo !

CONSELHOS

A MEU IRMÃO

Dos braços meus a sorte vae roubar-te,
E vae contigo, irmão, a melhor parte
De mim — o coração.
Não te esqueças de quem, a Deus orando,
Fica teu pai da ausencia consolando
Na triste solidão.

Cumpre o dever que t'impuzeste ; és nobre
Da nobreza de um pae que sempre pobre,

Mas honrado, viveu.

Vale mais que a riqueza a sã virtude.

De ser bom tua mãe na juventude

O conselho te deu.

Sê da justiça sacerdote austero,

Dos fracos protector, que aqui te espero

A' sombra de teu lar,

Junto dos teus, sonhando a doce esp'rança

De ver-te novamente. Dá bonança,

Meu Deus, ao bravo mar !

CARTA

AO DR. J. ALBUQUERQUE

Espera !... ha muitos annos tu me dizes,
E espero ha longos annos sem esp'rança.
O tempo abrindo vae nesta lembrança
Do peito meu de novo as cicatrizes.

Espera ! Espera ! — diz-se aos infelizes,
Illudindo-os na dor e na confiança ;
Mas vem depois o desengano — a lança —
Da fé quebrar as ultimas raizes.

E é isto o que eu receio. Quasi certo
 E' da vida no plano viajado
 Mais miragens haver que no deserto.

Dizer me manda, pois, idolatrado
 Anjo, s'inda vem longe ou si vem perto
 Esse dia a chegar, jámais chegado!

POSSO AMAR?!

E não a vi chorar, nem um suspiro
 Dos labios lhe cair á despedida!
 Partiu sorrindo, alegre, venturosa,
 Sem remorsos levar de ser fingida!

E meus sonhos tão bellos, tão fagueiros,
 Que a vida me orvalharam de ventura,
 Perderam-se n'um vacuo indefinido,
 Que não devassa olhar de creatura!...

.....

DOE-ME

A MEUS PAES

Da dor o austero abraço
Sinto no afflicto peito carregar-me
E as tremulas entranhas apertar-me

SOUZA CALDAS.

Nunca o soffrer as creanças me rou' á ra
Que nos sons aprendi de doce avena,
Si uma mulher amasse e não hyena,
Que sigaz entre virgens se emboscára.

Talvez me fosse a vida inda bem cara !
Mas é tão tarde ! a morte já me acena
Por entre a dor cruel de uma gangrena,
Que invade o esp'rito meu, de gloria avara !

E dóe-me fundamente, oh ! paes queridos,
 Vos deixar isolados ! Mas do moço
 Os rogos vão a tóa, vão perdidos !...

Eu morrera feliz, si este alvoroço
 Que vae em mim deixasse-me os gemidos
 De vosso peito ouvir, que já não ouço !

COMPARAÇÃO

No pued'el alma mia hallar sossiego.

D. BERNARDES.

Si sob as penas alegria houvesse,
 Como ha sob os prazeres — soffrimento,
 Talvez a dor que tenho não pudesse
 Me restringir o vôo ao pensamento !

De f'licidade apenas um momento
 Annos mil de torturas nos esquece ;
 Mas sonha no futuro môr tormento
 Quem como eu no desterro desfallece ? !

Não pesa sobre mim dura cadeia,
 Crimes não tenho para ser punido,
 Nem os remorsos de desgraça alheia;

Mas o viver de amor assim ferido,
 Adorando a mulher que mais me odeia
 — E' peor que sob ferros opprimido!

QUEIXAS D'UM FIDALGO

... muchas vezes vanas esperanças
 Ali onde mas gustos nos prometeu,
 Cilada de desgustos tienen puesta.
 DIEGO BERNARDES.

Palacetes tivestes construidos
 Em linda architectura e por obreiro
 Que dos mestres reputa-se o primeiro,
 Em troca de casebres derruidos.

Com os meus em teus olhos embebidos
 Esqueci que eras filha d'um ferreiro,
 Amei-te, dei-te joias e dinheiro,
 Luxo oriental, riquissimos vestidos.

Entre os andrajos tristes da pobreza
Te foi assim buscar a f'licidade,
Que eu busquei nos perfumes da belleza.

Mas tua alma — uma fonte de maldade,
— Abortiva criação da natureza —
Soube apenas fazer-me a inf'licidade!

EVA

Si tua vida foge entre venturas,
Como branda corrente em leito d'oiro,
E' que n'alma tu trazes um thesoiro
De affectos santos, sympathias puras.

Não temas, pois, as épocas futuras,
Nem do môcho piando o triste agoiro;
Cabello é de anjo o teu cabelo loiro
E creou-se o anjo isento de amarguras.

Tudo é mysterio em ti p'ra o baixo vulgo,
 Mas não p'ra mim que entendo o teu sorriso...
 E de mudar-se o mundo a lei promulgo...

As dores são chuveiros de granizo
 E é talvez um erro, mas eu julgo
 Impossivel chover no paraizo.

SORPREZA

A UMA SENHORA

— Conheci-a menina; nem um passo
 Tentado havia. Linda, sorridente,
 Como rosa de amor, fitava a gente
 Da egide santa — o maternal regaço.

Era um anjo de luz, meigo, innocente,
 Que Deus para estreitar o doce laço
 Do matrimonio, um dia ao caro braço
 De mãe trouxera, santa, occultamente.

Mas é o tempo em agir tão poderoso
 Que hoje, vinte annos breve decorridos,
 Ao braço encontro-a de adorado esposo.

Já não tem sua voz os sustinidos
 De outr'ora ; tudo nella respeitoso
 Dá-lhe os ares da Mãe dos opprimidos.

REMINISCENCIA

A FRANCISCO DO NASCIMENTO

— Eu trago nos recessos da memoria
 Com tinta escripta de diversas côres
 De meus primeiros, infantis amores
 A querida lembrança, a doce historia.

Mas de contal-a não espero gloria
 Nem quero mesmo de ninguem louvores ;
 Rival não fui de reis conquistadores,
 Que os hymnos cantam de feliz victoria.

Amei, é certo, muitos olhos bellos,
 Que os meus encheram de prazer, de encantos,
 De luz e crença, de gentis desvélos.

Soffri tambem, mas um martyrio santo,
 Esse que nasce de subtis anhélos
 Com rir nos labios e nos olhos — pranto.

O TEU RETRATO

— Como é lindo este retrato,
 Candida rosa de amor !
 Vê-se nelle o teu recato
 E de tua alma o pudor !

A face de neve e rosa
 — Fogo e gelo em diluição —
 Reflecte bella e mimosa
 As flores do coração.

E esses olhos grandes, vivos,
Que fingem pestanejar,
Parecem vulcões activos
Entre raios de luar.

E' um retrato pe. feito,
Como nenhum já se fez ;
Não se descobre defeito
Nem no mimoso da tez.

Nelle adoro qual amante
Os teus labios de rubim,
Linda bocca fascinante,
A feição de cherubim.

E sinto as vezes desejo
De occultamente o beijar ;
Mas não côres, por um beijo,
Ninguem se deve enfadar !

TREVAS N'ALMA

AO DR. ANTONIO BASTOS

Como gemendo vai o dia entre as quebradas
Que pendam o horisonte aberto e luminoso,
Quando da terra o sol despede-se saudoso
Co'as palpebras de fogo em lagrimas banhadas,

Murmuram n'agonia as notas encantadas
De meu hymno de amor, esse passado gozo,
Que descerrou-me d'alma o espaço harmonioso
E lhe deu da esperança as cores iriadas.

A crueza, o rigor, a ingratição immensa
De quem eu tanto amei, formosa filha d'Eva,
Nascer fez esta dor que me tortura intensa.

Prazer o seu olhar já n'outro peito leva,
E assim me fôge o ser, o amor, a fé, a crença,
Succede, oppõe-se á luz escura, densa treva.

QUEM ERAS

I

A' MORTE DA EXMA. D. LEONOR NETTO

Derrama o inplume alado o olhar afflicto
Na dôr cruel de uma saudade estranha
Pelo azulino espaço que se banha
Do sol nascente no clarão bemditô.

Voar! voar! — é seu ardente fito.
Crescem-lhe as azas — eil-o que acompanha
Seu pae, e o bosque deixa co'a montanha,
E vae... e vae... e sóme no infinito.

Assim os anjos que o universo encantam,
Aves empyreas d'azas transparentes,
Que Deus formou de magico sorriso.

Mudos, tristonhos sempre, um dia cantam :
E' o hymno da partida. Sorridentes
Fojem depois, voltando ao paraizo.

II

Mixtos de amor, de luz, de olores santos,
A faveis, castos, quaes visões beninas,
Nos deixam n'alma em letras purpurinas
Seus nomes feitos de saudosos cantos.

E os olhes guardam de seus mil encantos
— Virtudes bellas, graças peregrinas —
Lembranças doces, impressões divinas,
Que não se ápagan . que não lavam prantos.

O céu é delles, onde os bens sonhados,
 Visões ao homem tanta vez fataes,
 Juntos estão, de resplendor cercados.

São mais que santos, nobres, immortaes,
 De amor nascidos, com amor creados,
 Filhos de Deus, a Deus em tudo iguaes.

III

Tu és um delles, pallida innocencia,
 E foste, eu sei, reoccupar contente
 Um solio eterno, rico, aurifulgente,
 Ao lado erguido da Suprema Essencia.

De passagem no mundo, tua ausencia
 Era no céu carpida amargamente ;
 E tambem tu sentias-te doente
 Longe assim da celeste convivencia.

Era teu mal, portanto, a nostalgia,
Essa do patrio reino atroz saudade,
Que as fibras d'alma todas atrophia.

Sim, não era outra, não ! a enfermidade
Que tua vida aos poucos extingua ;
Que te levou, enfim, á eternidade !



INDICE

	PÁGS.
Carta	III
Dedicatória	3
Hontem e hoje	5
Duas primas	7
Saudades	9
Que noite !	13
Quem resiste ?	15
O Christão	17
Venus menina	19
Ausente	21
Transição	23
Enferma	25
Isolado	27
Desgosto	31
De casa ao cemiterio	33
Da janella	35
Ver sem ver	37
Viajando	39
No mar	41
Gratidão	43
Aceito !	45
Perigo	47
Quero-te alegre	49
Teu sorriso	51

	PAGS.
Do leito.	53
Allivio.	55
Antithesis	57
A roça.	61
Parabens.	63
Apixonado.	65
Quadras antigas	67
Sem titulo	69
Um como muitos.	71
Uma resposta	73
Em sonho.	75
Uma lagrima!	77
Phase nova.	79
Quadro.	81
O occaso ao nascente.	83
Porque não creio.	85
Conselhos.	87
Carta.	89
Posso amar?!	91
Dê-me.	92
Comparação.	95
Queixas d'um fidalgo.	97
Eva.	99
Sorpreza	101
Reminiscencia	103
O teu retrato.	105
Trevas n'alma	107
Quem eras. I.	109
II.	111
III	113

